

EVOCAÇÃO A GUSTAVO BARROSO NA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

FILGUEIRAS LIMA

O Sr. Presidente houve por bem dedicar esta sessão da Academia Cearense de Letras à memória gloriosa de Gustavo Barroso. E, por uma coincidência feliz para mim, particularmente, porque tive o privilégio da amizade pessoal do imortal cearense, coube-me a tarefa, diria melhor, o prazer de falar-vos por alguns instantes da figura sem dúvida impressiva, do ponto de vista humano e social, e expressiva, sob o aspecto literário e cívico, do criador de "Terra de Sol". Não será, entretanto, no âmbito reduzido de uma palestra mensal, que eu vos possa oferecer, de modo completo, a vera efígie de um homem de espírito que alcançou idade longa e explorou, com mão de mestre, todos os gêneros da literatura nacional; que foi, por várias vèzes, Presidente da Academia Brasileira de Letras, a que pertenceu por mais de trinta anos e que deixou uma bagagem intelectual formada por mais de cem obras de cultura e pensamento. Nossa própria Academia honra-se em ornamentar a sala de suas sessões com esta fotografia em que o vemos, no esplendor de sua longa e brilhante carreira sócio-literária, com o peito recoberto pelos brasões que galhardamente conquistou, como um legítimo general das letras, que morreu de armas em punho, com a pena na mão, lutando pela glória de sua terra e de sua gente.

As páginas da revista *O Cruzeiro* recolhiam, semanalmente, a sua admirável crônica "Segredos e Revelações da História do Brasil", através da qual ensinava os seus patricios a amar a Terra de Santa Cruz. Nessas notas quentes de civismo, todos sabemos que o Ceará ocupava lugar de relêvo excepcional. Daí as constantes viagens que êle fazia à gleba nativa em busca de novos dados e informações sôbre o nosso passado histórico. Aqui, era de vê-lo internar-se pelos sertões, como um garimpeiro, em busca de gemas imponderáveis, à procura de documentos autênticos, nos cartórios, nas sacristias, nas câmaras municipais, ou entre velhos papéis poeirentos de velhos arquivos particulares. Depois, deixava-se ficar dias e dias, nesta sua cidade de Nossa Senhora da Assunção, onde nasceu no dia 29 de dezembro de 1888, aqui ficava a conversar como só êle sabia fazer, ventilando todos os assuntos imagináveis, desde os mais graves e profundos aos mais leves e pitorescos, com aquela memória assombrosamente prodigiosa que herdou do pai, o homem que sabia de cor todo "Os Lusíadas". Era então como uma sereia intelectual, prendendo, encantando, fascinando os seus ouvintes. Tendo escrito mais de uma centena de livros, romances, contos, fábulas, ensaios, obras de história e folclore, memórias, poesias, tudo, enfim, dava-me a impressão de que, entretanto, precisava de falar muito e muito, porque a pena não lhe bastava para dizer tudo o que sentia e pensava.

Se dentre as dezenas de suas obras quisesse, neste instante, retirar uma página seleta, poderia estender a mão ao acaso, porque vazia, certamente, ela não voltaria nunca. Todos sabem que Gustavo Barroso rigorosamente não pode ser tido como poeta. No entanto, em seu mesmo livro de versos "As Sete Vozes do Espírito" encontramos, a cada passo, notas dignas de um autêntico criador de imagens e de rimas. No seu soneto dedicado a Ouro Preto há um achado poético que merece ser apreciado por nós, neste momento:

*"Cidade morta, dormes a sonhar
Sob a última riqueza que te resta:
A prata derramada do luar!"*

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

E o final do poema "O Turíbulo da Inveja", em sonoros versos brancos:

*Se me invejaste, meu querido amigo,
Coroaste de louros minha vida.
Culto rendendo a quem tão pouco vale
E que nunca pensou o merecesse.
Ungiste-me de luz como um altar,
Agradeço-te o incenso que puseste
A queimar no turíbulo da inveja!"*

Nestas citações de trabalhos poéticos do consagrado memorialista de "Coração de Menino" e "Liceu do Ceará", não era possível esquecer os dois inspirados sonetos, sobretudo o segundo, por êle dedicados a Fortaleza. Mas em verdade foi em prosa que Gustavo Barroso cunhou algumas páginas definitivas, em que põe ao espantoso volume de suas produções literárias. Em "Praias e Várzeas", "Heróis e Bandidos", nos citados livros de memórias e, notadamente, em "Terra de Sol", deixou-nos másculas e vigorosas expressões de seu fecundo espírito criador. Vou direto ao âmago dêsse hino de amor e luz ao berço natal e dêle recolho o prodigioso poema em prosa que nos sugere e evoca as estrofes de fogo de Castro Alves, descrevendo e cantando, genialmente, a "queimada". Permitti-me repetir aqui, ao menos, aquêlê passo no qual a sensibilidade e a imaginação de Gustavo Barroso se desmancham e se derramam num jôgo mágico de onomatopéias, côres, imagens e ritmos soberbos. É quando sôbre o mato sêco do sertão um "comboieiro descuidado ou um passageiro indiferente" atira uma ponta de cigarro acesa. E nos salta a vista êste mural impressionante:

"Então crepita e estala uma touceira de capim. A chama cresce, devora-a, passa a outra, cresce mais e mais. Um balde d'água ou um sapatear de pés fortes apagaríam aquêlê nascer de incêndio. Mas ninguém viu e ninguém sabe. Sôbre aquêlê clarão incipiente sòmente se arqueia a indiferença do céu e aos seus pés se estende sòmente o plaino vasto do sertão. — Surgem labaredas do solo, erguem-se alto em convulsões epilêpti-

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

cas no ar, alanceiam rubramente o espaço, lambem os troncos lisos e direitos das carnaubeiras, tostando-os, tisanando-os, enegrecendo-os. Aumentam. Correm por sôbre o capinzal com incrível velocidade. Atiram-se aos capões de mato sêco, esgalhado, garranchento, como vagas, num turbilhão corruscante de labaredas, que se enroscam, estortegando, de brasas que voam, de faíscas que cintilam, de galhos que se estorcem, debatendo-se, que fagulham, gemem, estalam e bradam!

Passa no ar um hálito abrasado, e o vento açoita, silvan-te, rijo, a torrente de fogo, curvando, acamando as línguas rubras, como outrora acamava os tufos de panasco, levando pelo espaço o rumor crepitante da queimada. E o incêndio temeroso, doudejante, ensangüentado, galopa, voa e vai queimando, queimando.”

Foi apenas um trecho que revela os imensos recursos estilísticos e expressionais do mais amoroso e devoto filho de Fortaleza, a “quente filha do sol do meu Nordeste”, como lhe chamou no apaixonado sonêto a que antes fizemos referência, cidade heróica em cujo seio, numa das suas praças mais amplas, diante da tradicional casa de ensino que evoca o velho Liceu que êle immortalizou num livro de memórias, se erguerá dentro em pouco, na majestade permanente do bronze, o vulto senhoril do criador de “Terra de Sol” — Gustavo Barroso!

Será a homenagem que o Ceará estava a dever ao filho glorioso que tão alto ergueu o nome de sua terra no cenário intelectual do País, e que, um dia, sonhando com os lagos artificiais que haverão de encher de roçados, pomares e fábricas os sertões combustos do seu “pártio Ceará”, falou assim, em versos cálidos e vibrantes:

*“Serás sempre, Ceará, Terra da Luz,
mas deixarás de ser Terra de Sol,
e o nome que te dei se esquecerá
na bem-aventurança eterna de teus filhos.”*